



SO TRES
MI (3)
EO LOU
MO CA
E DOS

Rio de janeiro

ano 01 | n.º 00



Nenhuma parte deste livreto pode ser reproduzida ou utilizada de qualquer forma ou qualquer meio, eletrônico ou mecânico, sem a permissão por escrito dos autores. *Os direitos autorais desta obra pertencem aos autores.*

Projeto gráfico:
Flavio Pereira de Oliveira.

Imagem usada na logo da Sociedade:
BATTEN, John Dickson. He Let a Laugh Out of Himself. 1892.

Imagens usadas nesta edição:
GAVANI, Paul. Scholars of Lorbrulgrud. 1862. (pg. 03)
KLEY, Heinrich. In der Hexenküche. 1910. (pg. 54)

Esta obra foi diagramada em **Fontin** da *exljbris Font Foundry (Jos Buivenga)* – outras fontes usadas:

Intuitive, OldNewspaperTypes, Dautmark,
Estrangelo Nisibin Outline

[2021]
[instagram/alextavergio](#)
[instagram/flavio_ed_delirium](#)
[instagram/rodrigoortiz](#)





Sociedade Tres(3)loucados é uma iniciativa de *A.T. Sergio, Flavio P. Oliveira e Rodrigo Ortiz Vinholo*, três autores dedicados à arte de surpreender, com criatividade, ousadia, um tanto de desvario e sem medo de correr riscos. **Três amigos buscando corromper a obviedade a partir de um tema em comum.**

Esta edição nº 0 traz contos já publicados em outras antologias da Delirium editora, escolhidos pelos três autores.



SUMÁRIO

Anima mea / A. T. Sergio

O palacete / Flavio P. Oliveira

Servo / Rodrigo Ortiz Vinholo



ANIMA MEA

A. T. Sergio

Lembro-me de estar atrasado mais uma vez. Havia dias em que o sono não chegava de forma tranquila, e acordar pela manhã assustado com os pesadelos na madrugada, suado e ainda cansado tinha se tornado uma constante. O táxi não conseguia avançar pela Av. Rio Branco na velocidade que eu precisava e decidi descer. Paguei o motorista com uma nota muito superior ao valor da corrida e deixei o troco para trás. A reunião me valeria muito mais do que aqueles trocados, e não podia perder mais tempo.

O grupo de chineses já havia chegado ao escritório, e minha secretária enviava mensagens sucessivas sobre a postura de cada um dos empresários. A noite anterior, patrocinada pela nossa companhia em uma das boates mais charmosas e caras do Rio de Janeiro, havia produzido resultados excepcionais no ânimo dos estrangeiros, e a previsão de sucesso do negócio estava se tornando absolutamente realizável. Alguns milhões de reais por uma consultoria básica e a possibilidade de entrada em um mercado muito promissor seriam meu passaporte definitivo para uma aposentadoria confortável.

Passei pela banca de jornais curiosamente especializada em publicações de estudo para concursos públicos e segui pela calçada driblando camelôs e transeuntes, tomando todo cuidado para não deixar cair as pastas com os contratos.

Mais à frente, o motivo do trânsito parado se deslocava devagar: um carro de som gritando palavras de ordem em meio a bandeiras agitadas freneticamente. Pensei em como seria bom poder atirar em todos liberando a passagem e acabei me distraindo antes de entrar na portaria do prédio onde trabalhava. Esses décimos de segundo me impediram de ver a forma suja e maltrapilha de pé em frente à entrada, com seus brinquedos de arame espalhados pelo chão. A pressa, aliada ao descuido momentâneo, fez com que eu pisasse nas figuras representando músicos, carroceiros, crianças, carros e alguns animais. A destruição foi inevitável e acabei tendo o solado de couro de meu novo par de sapatos perfurado, machucando o pé direito.

– Diabos! – gritei enquanto a dor consumia o pouco que ainda mantinha de paciência.

Um arremedo de homem apenas virou a cabeça e sorriu com os poucos dentes que lhe restavam. Seu cheiro azedo entrou pelas minhas narinas gerando náusea, provocando a reação de afastá-lo rudemente com as duas mãos. Ele se desequilibrou e caiu, aumentando o caos nos produtos que provavelmente estavam expostos à venda. Ignorei proposital e completamente a culpa pela queda, virei o corpo em direção ao hall dos elevadores e parti para a reunião, decidido a fechar logo o importante negócio. Minha tentativa de avanço, no entanto, foi malograda por algo que segurava minhas pernas. Olhei para baixo e vi a figura desdentada e imunda, com sangue escorrendo de um corte no braço, agarrada à calça do terno, passando uma das mãos por baixo do tecido, alcançando a pele.

Sacudi o corpo com força e asco, mas não consegui me desvencilhar.

– *Anima mea! Anima mea! Anima mea!* – ele sussurrou três vezes, mantendo o olhar vidrado em meu rosto, sua face vermelha emoldurando um sorriso de lado e a expressão perdida, como se nada no mundo fosse mais importante do que me fitar e dizer aquelas palavras.

Fiquei imóvel por instantes e depois, como se estivesse saindo de um transe temporário, estava novamente em frente ao prédio encarando as roletas de acesso ao centro empresarial. Confuso com o que vivenciei, procurei ao redor sem encontrar qualquer brinquedo na calçada ou sinal da figura fedorenta barrendo meu caminho. Com menos tempo ainda do que ao saltar do táxi, resolvi que não era a hora de pensar sobre o ocorrido. Associei a experiência a uma alucinação proporcionada pelo cansaço e pelas noites mal dormidas e segui para meu destino.

Aproximadamente uma hora depois, contratos assinados. Brindamos e apertamos nossas mãos, consolidando socialmente o acordo entre as empresas e, à exceção de uma leve pontada na sola do pé direito, não houve problemas ou discordâncias que eventualmente atrasassem o encerramento da negociação. A dor não era intensa, mas incomodava o fato de ela existir. A experiência com os brinquedos não podia ter sido real e acabei resolvendo tomar um relaxante muscular tão logo me visse livre dos compromissos mais urgentes. Talvez a medicação me permitisse dormir melhor por algumas horas.

Pensando em férias e como seria o futuro próximo com absoluta tranquilidade financeira, tateei o bolso do paletó procurando o celular. Era preciso avisar aos sócios que tudo havia transcorrido melhor do que o esperado. Entretanto, meus dedos tocaram algo bem diferente do aparelho de comunicação,

reconhecendo imediatamente o arame maleável, moldado para se parecer com uma figura humana. Trouxe-o na direção de meus olhos, observando o corpo alongado, braços, pernas e o contorno da cabeça. A forma não estava completa, mas poderia ser o início de um dos personagens que o tal homem fazia para vender. Nervoso com aquela presença e não querendo deixar aquilo exposto, levei de volta ao bolso anotando mentalmente que precisaria procurar um médico assim que tudo se acalmasse. Estava começando a misturar realidade com imaginação e não achava nada recomendável continuar assim por muito tempo. A materialização do boneco determinava que o encontro na calçada havia acontecido de fato.

A tarde passou rapidamente, seguida de um início de noite atribulado, mas sob controle. Sob o efeito dos remédios em conjunto com boa dose comemorativa de álcool, deixei o corpo seguir seu ritmo, aliviando a tensão dos últimos dias. Organizei os projetos em andamento, identificando a quem delegar as principais tarefas, despachei os últimos assuntos com minha eficiente e paciente secretária e dei o expediente por encerrado. Já no táxi a caminho de casa, retirei do bolso o pequeno objeto que propositalmente esquecera por ali. Assim que o coloquei na palma da mão percebi algo diferente: no lugar do que antes era apenas o contorno da cabeça, havia também olhos, boca e nariz. Além disso, ele parecia um pouco maior. Senti meu corpo vibrar em um tremor incontrolável e rápido, seguido de uma corrente fria circulando pela espinha.

Algo não estava certo ali.

Passei um bom tempo analisando o boneco até chegar em casa. Minhas ações de pagar o motorista, acenar para o porteiro,

pegar o elevador e abrir a porta de entrada foram automáticas. Não conseguia parar de olhar para aquela forma e a deixei sobre o aparador encostado na parede do outro lado da sala, pois assim, sentado no sofá para assistir a algo na televisão ou ler um livro, teria distância, e não ficaria com aquela coisa em meu ângulo de visão. Apesar de preocupado e estranhando a situação, estava muito curioso e achei que seria interessante não me livrar daquilo em definitivo, pelo menos por enquanto.

“Uma chuveirada quente, um bom *whisky cowboy* e um filme qualquer. É disso que preciso!” – pensei enquanto me despia em direção ao banheiro, largando as roupas pelo caminho. Em minha vida profissional sempre fui muito organizado e fazia questão de um pouco de caos quando estava sozinho. Minha governanta, contratada de uma agência altamente recomendada, resolveria aquela confusão no dia seguinte.

Entre no box e deixei que a água quente fizesse seu trabalho de relaxamento. Quase imediatamente, o ambiente foi coberto por uma névoa pesada e me peguei pensando naquele homem e na situação insólita. Recordei ter pisado nos brinquedos e apesar de não estar com dores no pé, achei melhor fazer uma verificação me sentando no chão. Carente da flexibilidade de meu atletismo de alguns anos atrás, utilizei um espelho para consegui perceber a pequena marca escura, representando um furo. Estava se fechando e talvez por isso eu não estivesse mais sentindo o desconforto. No entanto, ao tocar a região, senti uma leve pontada. Com medo de infecções, lavei com álcool e apliquei um curativo. Por segurança, fiz outra anotação mental sobre acionar minha secretária para encontrar um lugar em que se aplicasse a vacina antitetânica.

Após me secar levemente, vesti um confortável roupão aveludado e calcei os chinelos de borracha, estrategicamente posicionados sobre o tapete de mesmo material, dirigindo-me à sala. Chegando na divisão entre o banheiro e o corredor, um forte som seco como um pesado martelo batendo na parede me atingiu em cheio três vezes, arrepiando todos os pelos do meu corpo. Congelei de imediato, aguçando a audição por alguns segundos. Nada. Não se repetiu. Avancei novamente, mais uma vez assumindo que o cansaço cobrava pela sua companhia e decidi abandonar a ideia da dose de *whisky*.

Cheguei ao sofá absolutamente incomodado com o ambiente. Estava em casa após um banho relaxante, mas não conseguia me sentir tranquilo. Liguei a televisão, novamente de forma automática, recebendo imagens de outra operação policial com mortes e pânico durante a realização de um baile funk em uma comunidade qualquer. Não considerava aquela informação relevante e, no fundo, torcia para que todos os eventos desse tipo recebessem o mesmo fim. “A humanidade seria melhor sem esse povo!”, pensei, e, no exato momento em que terminei de imaginar as palavras, algo pareceu se quebrar atrás de mim. Eu me virei, assustado, rapidamente, e não vi nada de diferente no cômodo. Tudo aparentemente estava em seu lugar e até mesmo aquela peça horrível de arame continuava sobre o móvel ao fundo. Levantei-me receoso indo até a porta de vidro da varanda, verificando os cacos pelo chão. A lâmpada havia quebrado, provavelmente com o choque de alguma ave. Não foi a primeira vez. Respirei fundo, girando o corpo para a direita em direção à cozinha na intenção de comer alguma coisa. Em meu caminho, o aparador e, sobre ele, o homem de arame com suas curvas, agora

apresentando mãos e pés completos, todos com cinco dedos. Estava totalmente ereto, em posição de caminhada e virado para mim. Pisquei repetidas vezes tentando afastar a imagem, mas nada mudou. A coisa estava mesmo diferente e a contar pelo que havia visto mais cedo, evoluindo. Medindo a impossibilidade do que estava vivenciando, resolvi me livrar da peça. Andei até a cozinha me armando com um saco de lixo e voltei sobre meus passos até o aparador onde havia deixado o tal boneco. Passou-me pela cabeça jogá-lo pela sacada, mas o risco de atingir alguém e isso me trazer problemas de ordem legal era grande e, apesar da ideia me parecer interessante, optei por outra saída.

– Você vai para o lixo! – quase gritei enquanto pegava o objeto para atirar no recipiente de plástico.

Ao toque, um tremor muito mais forte que o anterior me jogou no chão deixando-me praticamente sem sentidos. Em seguida, o calafrio percorrendo todo meu corpo e uma sensação de que estava caindo em velocidade absurda. Com lágrimas descendo pelo rosto, consegui retomar o controle físico e encarei a figura ao me levantar:

– O que você quer de mim? – passei a chorar copiosamente, soluçando a cada palavra. – O que é você?

As palavras do homem voltaram à minha mente. Precisava pensar com clareza em meio ao que não parecia ter qualquer explicação e aquelas expressões poderiam me valer informações valiosas. De volta ao sofá, com o notebook apoiado nas pernas cruzadas e absolutamente aterrorizado, deixei que minha posição permitisse vigiar o homem de arame enquanto abria a página de pesquisa. Passados poucos cliques cheguei a uma página com símbolos estranhos com a seguinte descrição: “Se você chegou

até aqui através de um mecanismo de pesquisa procurando por palavras específicas, desista! Não há salvação!”

Apesar do aviso, segui analisando cada atalho, foto e comentário de outros visitantes. Reparei que o administrador do site não respondia às questões propostas por quem deixava mensagens e estas em quase sua totalidade eram apenas pedidos de ajuda, escritos em tom de desespero, muitas vezes em maiúsculas apelando para Deus e outras entidades reconhecidamente místicas e religiosas. Apesar de o design da página demonstrar que ela era muito antiga e não adaptada aos recursos mais atuais dos navegadores, havia visitas muito recentes, incluindo de poucos dias atrás. Deixando de lado a análise técnica de apresentação dos dados, verifiquei que *Anima mea* intitulava o seguinte texto: “Você é marcado e depois avisado. Ele se aproxima e lutar só trará sofrimento. Sua alma deixará de pertencer a você!”

Fechei a tela bruscamente. Aquilo era ridículo. A lógica agnóstica e racional, bases de minha vida, impedia-me de levar em consideração o que havia encontrado na internet. A união do álcool com o remédio mais cedo estava cobrando seu preço. Essa era a explicação mais sólida e viável e entrar em desespero de nada iria me ajudar.

Levantei-me ainda perdido, sem noção do que faria em seguida. Havia determinado que me livrar do boneco seria a melhor saída, mas o medo irracional de tocá-lo novamente me impedia. Resolvi sair do apartamento. Talvez se estivesse fora por algumas horas pudesse pôr em ordem os pensamentos, reorganizando as possíveis ações. Andei até o *closet* do quarto de dormir e escolhi uma roupa qualquer. Camisa polo, bermudas e um par de tênis. Não precisava mais do que isso para descer até um bar

e ficar esperando o tempo passar. Rapidamente me vesti, mas antes que fosse possível terminar de amarrar os cadarços, percebi movimento no corredor. Pequenos passos, lentos e arrastados, parecendo ter grande dificuldade na locomoção. Meu coração pulava no peito enquanto um suor gelado começava a brotar de todos os meus poros. Eu não queria acreditar no que ouvia, mas a pequena sombra gerada pela lâmpada de led chegava próximo à porta proporcionando base para meus temores. Corri até o portal e, sem olhar para fora do cômodo, bati a porta com toda força, deixando o corpo escorregar pela madeira pintada até atingir o carpete. Cobri o rosto com as mãos como se quisesse esconder do mundo o desespero que me possuía. Desolado, não sei quanto tempo permaneci sem me mover na tentativa de captar ação do lado de fora do que se tornara minha zona de segurança. Mesmo sem ouvir qualquer ruído, a expectativa consumia meus pensamentos transformando em agonia o simples ato de continuar respirando. Lutava internamente buscando forças para a razão contra as emoções insistentes em tomar a frente. Tentando manter o limite da sanidade, afastei-me, subindo o tronco e me permitindo olhar pela fechadura. Nada na passagem desde a sala até o quarto. As portas do banheiro e da biblioteca estavam fechadas, exatamente como eu as deixara. Vasculhei todas as áreas de meu ser buscando pela coragem que nem imagina ainda ter e decidi sair do esconderijo. Celular e notebook estavam na mesa de centro, próximo à televisão, e eram as únicas ferramentas de acesso ao mundo exterior após ter mandado desligar o telefone fixo. Amaldiçoei as operadoras locais de telefonia com seu serviço de péssima qualidade e me pus novamente de pé. Girei a maçaneta

com muito cuidado, evitando gerar barulho que entregasse minha posição. Não fazia sentido agir dessa forma, mas em meio a tantas situações desconexas da realidade aceitável, acatei a precaução adicional com tranquilidade. Bem devagar, fui deixando a cabeça passar pela abertura escrutinando o ambiente. Quando percebi que estava realmente sozinho, passei a perna esquerda à frente, sempre atento, olhando para todos os lados. Quando insisti em continuar caminhando, movendo a parte direita do corpo, a dor me atingiu sem piedade, irradiando dos dedos do pé até o ombro, como finos alfinetes sendo empurrados firmemente através da carne, descendo lentamente até os ossos. Fui tomado por um calor intenso, sentindo o suor evaporar em contato com a pele já vermelha e começando a formar bolhas. Em agonia, com dificuldade em aspirar o ar para os pulmões, desfaleci.

Recobrei os sentidos com a cabeça latejando, a boca seca e quase todo o corpo dormente. Procurei em volta, e não vi sinal do boneco ou de qualquer outra coisa fora do normal. Levantei, apoiado à parede mais próxima, e segui até a sala. Precisava descer e procurar ajuda. Minha mente estava me pregando peças e a somatização intensa justificava entrar em contato imediatamente com um psiquiatra ou outro profissional da área médica que pudesse minimizar os efeitos do que eu já classificava como pura histeria.

Martirizava-me continuar caminhando. Cada passada promovia reflexos intensos, gerando uma dor aguda, intensificada pela fragilidade de minhas emoções. Em sofrimento extremo, insistia em seguir compassadamente, Tateando por possíveis obstáculos que não me levassem novamente ao chão. A certeza da

necessidade em afastar aquela criatura, deixando para trás o tormento do contato visual com sua presença, energizava o que restava firme do meu corpo, impedindo-me de estacar sem ação.

Alcancei a porta da biblioteca e parei um momento recuperando o ar. Apoiado na maçaneta, girei o corpo na direção do sofá, um móvel em “L” que separava a área da televisão da mesa de jantar. Próximo ao pé e à direita, cruzei o olhar com a coisa. Braços, pernas, mãos, dedos, rosto completo, curvas imitando roupas, mais precisamente um terno. Havia crescido mais alguns centímetros.

– Por favor, me deixe em paz! – implorei, as emoções tomaram conta, e ajoelhei abrindo os braços, demonstrando clara posição de súplica. – O que você quer de mim?

Sem resposta ou alternativa, persisti na intenção do movimento, procurando alcançar a saída. Com extrema dificuldade, descí as mãos ao chão, engatinhando devagar, sem tirar os olhos da figura que parecia sorrir com meu desespero. Procurava por qualquer menção de movimento ou ruído, tendo a certeza de que desabaria emocionalmente caso algo nesse nível se concretizasse. Apesar da força em querer continuar respirando, não desistindo de viver, a consciência de que algo inexplicável estava atrás de mim consumia a energia necessária para me manter ativo fisicamente. Minhas forças se esvaíam rapidamente e sustentar o corpo naquela posição se mostrou demais. Deixei-me cair, arrastando o que restava de mim sobre o piso de madeira. Esticava os dedos e puxava a massa quase inerte por alguns milímetros, repetindo a ação sucessivamente, cada vez mais ciente de que de nada valeria o esforço. Fraco até mesmo para chorar. Não sentia as pernas e o medo de olhar para baixo não permitia

analisar o porquê de não conseguir movê-las. Era como se alguma coisa estivesse me envolvendo, sorvendo a existência física enquanto escalava meu ser.

Ao chegar ao lado do boneco, agora com um pouco mais de um palmo de altura e já completamente formado, com sua estrutura em arame moldada para apresentar um ser humano nos mínimos detalhes, fui acometido por imagens de minhas vidas pessoal e profissional. Mulheres aos prantos, suas roupas rasgadas e peles manchadas de sangue; crianças sujas e pedintes escoraçadas; homens bem vestidos e experientes chorando, suplicando para que não lhes fossem tiradas as conquistas de toda uma vida; prédios ardendo em chamas; e casas sendo destruídas enquanto seus antigos moradores observavam acuados e tristes com seus poucos pertences amontoados em qualquer canto de calçada se sucediam de forma ininterrupta diante de meus olhos. Vivi um misto de agonia e vergonha somado à constatação da completa incapacidade de reconstrução do que havia sido minha opção de existência.

A criatura observava e podia senti-la sorrir intimamente, aguardando o fim inevitável. Havia deixado o tempo seguir e com ele as chances foram perdidas. A fome de ter coisas e pessoas, sem limites, destruindo tudo e todos que se opusessem às minhas ideias cobrava impiedosamente um retorno, e não poderia ser outro senão a alma que sempre neguei existir. Sem qualquer fé ou crença, a não ser no meu egoísmo agnóstico, à mercê daquela coisa, permiti-me levar, agonizante, pelo desconhecido. Tomado pela sensação de ter o corpo envolvido por um ar denso e sufocante, fiz um último e vacilante esforço para ter meu algoz na mira do olhar no instante derradeiro. Ao fundo, parcialmente

oculto pela parede separando a sala do hall de entrada, o homem desdentado e fedorento parecia se divertir.

•

Rio de Janeiro, centro da cidade. A Avenida Rio Branco apinhada de pessoas e carros nessa manhã de quinta-feira. Um dia comum na grande metrópole, todos cuidam de seus afazeres, correndo em suas vidas por objetivos muitas vezes fúteis e vazios. A atmosfera caótica impera, a rotina se mostra presente de maneira firme e destrutiva. Encostado na fachada do prédio comercial, oculto pelas sombras naturais formadas pelas construções em seu entorno, ele observa pedestres e motoristas, procurando enxergar através de suas estruturas físicas, além de suas almas. Fareja as emoções, adentrando cada coração, à espreita da negritude responsável por alimentar sua existência nesse plano. A fome o mantém alerta até identificar a presa perfeita. Seu olhar se desloca para um senhor calvo e apressado, com um terno muito bem cortado e óculos escuros. Suas garras se movimentam rapidamente, expelindo dos pulsos um fio fino e maleável que se ajusta em suas mãos, tomando forma. E eu, condenado a existir como essa figura inerte, sobre o plástico surrado e sujo, apenas acompanho a criatura se transformar em uma bela mas simplória mulher, enquanto prepara outro de seus bonecos de arame. Antes de atacar, seus olhos piscam em vermelho intenso, e ele repete sussurrando e salivando:

— *Anima mea! Anima mea! Anima mea!*

*Este conto foi publicado na antologia:
Quando eles despertam*

✱



○ PALACETE

Flavio P. Oliveira

De longe — enfeitçados e igualmente perplexos — alguns meninos admiram a exuberante beleza das novas vizinhas, garotas com idades entre nove e catorze anos. A neve cai exagerada.

– Vamos voltar.

– Elas têm o cabelo comprido, muito comprido.

– Vamos voltar, congelo aqui.

Desistem de espreitar, montam nas bicicletas e retornam ao vilarejo. Quando a nevasca diminuir, nova visita ao palacete antes abandonado será feita. Os três meninos são os primeiros a verem as novas moradoras e se questionam, em silêncio congelado, da chegada, dos motivos, do parentesco, da alvura fantasmagórica das garotas.

Baltazar xinga alguém no bar Bulldog, do lado externo, e corre ao ver os pirralhos nas magrelas. Peste de homem, desprezível caçador, vive nas montanhas capturando quaisquer criaturas vivas. Os meninos driblam o beberrão, rindo, pestes em tamanho mirim, e param as bicicletas diante da mercearia Sol Infinito, um nome ridicularizado naquele canto soterrado de neve boa parte do ano.

Baltazar monta na mais arruinada e carcomida das bicicletas — os rústicos cidadãos do vilarejo proibiram, em louvável atitude, utilização de carroças e animais de tração, objetivando

dar fim aos maus tratos e à exploração de inocentes e amigáveis equinos – e deixa a rua, indo em direção à floresta. Desviará o caminho mais à frente, ao ver fogo onde não deveria haver.

– Senhor! Temos gente nova morando no palacete!

O homem em cima da escada arrumando potes de geleia e doces quase cai de susto.

Os mais velhos contam histórias para as crianças sobre as assombrações a rondar o palacete, contam da chegada de um estrangeiro alto e dono de enorme bigode, mas escondem o mistério principal, meio que proibição imposta. Escondem e se calam. Escondem o segredo dentro de si e detestam visitantes ou novos habitantes. Evitam qualquer menção ao crime e nada dizem sobre o mistério. Toda cidade, por minúscula que seja, tem um mistério, uma casa assombrada e uma mentira espalhada como verdade.

O proprietário desce da escada e dispara série de perguntas aos rapazes. “Sim, sim, sim, sim” também respondem em relação ao cabelo comprido das novas vizinhas, última questão. Depois abandona a loja e corre em direção à igreja. Dão de ombros os amigos antes de voltarem à rua, única do vilarejo onde pouco mais de duzentas pessoas vivem em acolhedora harmonia e raríssima hostilidade.

Baltazar dá um refresco às pernas antes de entrar na floresta e vê fogo onde não deveria. Abre a caramanhola, bebe uísque, esfrega os olhos e segue vendo fumaça onde sequer fogo deveria existir. Volta a pedalar, apressado. A pressa é inimiga dos bêbados, cai da bicicleta, ergue-se vociferando e vê, espantado, que a fumaça sai da chaminé.

A nevasca parou, mas o frio demanda o máximo de proteção corpórea, casacos e mais casacos, luvas, boina, calça sobre calça, botinas cobrindo dois pares de meias. O sopro esbranquiçado denuncia tanto a dificuldade em respirar quanto a temperatura ambiente. Bebeu demais, além disso o frio congelante faz visagem aparecer do nada, fumaça dançante, canto gregoriano, alguém sorri brandamente. Baltazar se ergueu e agora pula no selim, pedala, pedala e não se move, outra risadinha infantil, a chaminé deveria estar morta, outra risada, e alguém diz um nome.

Os três meninos observam o mercador sair da igreja com o padre, ambos apressando os passos e indo à casa do cidadão número um, a casa número um.

– Parou de nevar.

A observação do mais jovem casou-se perfeitamente com o desejo geral. Após rápida troca de olhares, alguém termina a tarefa.

– Vamos voltar ao palacete?

Montam nas magrelas e partem a ver, quiçá enamorados, deveras curiosos e atacados. Vividamente pedalam, ávidos por chegar, em risos e tremedeiras, o vento magoando, o frio, um canino mordiscando os ossos em crescimento. Param quando o adiantado nota um brilho metálico coberto pela neve. Descem dos selins, andam até lá, ninguém ri, ninguém suspira. Mexem nos escombros, há mantimentos espalhados, marcas e pegadas. Há uma enferrujada.

– Parece a bicicleta do Baltazoide – diz o mais velho, em seguida se abaixa e observa as rasuras no chão. – Deve ter se machucado ao cair bêbado e se arrastado...

– Não vejo manchas vermelhas.

O palacete à margem esquerda da estrada de terra e a uma vintena de metros afastado parece desabilitado. O mais jovem acompanha as profundas marcas na neve até desaparecerem.

– Termina aqui.

O padre, o mercador e o cidadão número um correm à casa do ancião, um idoso das antigas, quase centenário.

– Ele se ergueu aqui e deve ter ido ao palacete.

– Por que cobriu as pegadas?

Paciente feito uma rocha, maltratado, mas cheio de histórias, feito um parque de diversões abandonado, o ancião pede calma aos esbaforidos visitantes.

Os meninos tremem de frio, nos arredores do palacete aumenta a sensação congelante, além disso tremem por outros motivos. O mais velho esfrega os braços do que não é nem o mais novo nem o mais velho.

– Nunca senti tanto frio assim, vamos voltar.

Realmente o frio se intensifica, como desejando tornar irresistível o abrigo próximo.

– Que frio!

O mais novo e mais aquecido estranha uma escultura na margem, vai até lá, afaga a obra de arte e diz: – Uma escultura de gelo. – Contorna a peça decorativa e observa as feições da personificação. – Parece muito com o Baltazar.

Seria alguma obra trazida pelas novas moradoras?

– E os meninos disseram que as três têm cabelos compridíssimos? – pergunta o ancião. O mercador confirma, o ancião prossegue: – Tragam os meninos aqui.

Os três deixam a casa, o padre regressa à igreja, onde buscará a salvação nas orações, já o cidadão número um corre ao próprio lar, onde buscará respostas nos destilados envelhecidos, o mercador procura os meninos por meio minuto, porque logo lhe informam terem visto os menores indo possivelmente em direção ao palacete abandonado nas respectivas bicicletas. Corre estabonado, retornando ao ancião, conta o escutado com os nervos à flor da pele coberta por dois agasalhos, um de lã, um de feltro.

– Precisamos evitar o pior! – berra o quanto pode o quase centenário homem.

O cidadão número um volta à rua e grita por auxílio, tenta reunir um grupo armado com foices e armas brancas, montar uma equipe de ataque.

O menino do meio sofre horrores no frio e segue recebendo massagem do mais velho. O caçula vê estranhas e úmidas manchas escarlates na escultura glacial.

Uma risada surge do nada.

– Vocês não estão morrendo de frio, não? Melhor entrar – uma melódica voz infantil e feminina assusta o trio. A voz vem da mais velha das novas moradoras, branquíssima como virgem neve, de longuíssimos cabelos loiros e encaracolados quase chegando ao chão, toda em branco, cor inclusive das luvas, a exceção do rubi no prendedor feito em marfim. A mais estonteante aparição vista pelos pirralhos. O caçula engole a seco. O mais velho esfrega as pálpebras. O do meio esquece o frio e inclusive sente calor.

Após dizer seu nome, Olívia anda até o friorento e passa o braço sobre os ombros dele, conduzindo-o para o palacete. O

caçula engole a seco. O mais velho esfrega as pálpebras. O do meio sorri doutrinado e inclusive sente ainda mais calor sendo levado.

– Venham, bobos. Não fiquem aí estacionados nesse gélido cantinho de mundo – diz e sorri do gracejo.

Os velhos contam casos horripilantes – assombrações rondam o palacete, um estrangeiro dono de enorme bigode –, todavia escondem o mistério, evitam qualquer menção ao crime e nada dizem do mistério. Todo vilarejo tem um mistério, uma casa fantasmagórica, uma mentira metamorfoseada de verdade, momentos de realismo fantástico e meninas com nove, doze e catorze anos. A neve retorna em exagero. Elas têm o cabelo loiro comprido, muito comprido, inclusive a menor.

– E os meninos disseram que as três têm cabelos compridíssimos? – pergunta um homem chamado ao grupo de ataque.

O mais velho observa as longas tranças unidas por um pregador confeccionado em marfim. O caçula não engole mais a seco, perdeu a saliva, perderá a liberdade, talvez a alma, certamente a sorte de um novo amanhecer.

Seguem invejando o friorento abraçado à menina por um caminho de pedra até a fachada do palacete, o qual parece em melhores condições atualmente, como se tivesse sido reformado às pressas durante a última madrugada. A menor das moradoras abre a porta e, divertindo-se, estica ajeitando o tapete vermelho. A lareira arde convidativa. Na mesa posta há doces e xícaras, e bonecas enormes ocupam as cadeiras. Provavelmente a solidão fez moradia nos corações femininos, e elas brincam assim. As bonecas possuem cabelos em um comprimento costumeiro, ao contrário das donas. O cabelo da intermediária em

idade tem mais de um metro, visualmente calcula o mais velho dos meninos.

Querem perguntar pelos adultos, sequer dá tempo.

– Ah, visitantes! Estamos sozinhas aqui. Nossos pais...

– Viajaram – a mais velha complementa a frase da caçula.

A solidão é branca.

As três se apressam e removem as bonecas das cadeiras, indicando o desejo; entretanto, após rápida conversa em cochichos, arrependem-se e devolvem as bonecas para os assentos.

– Vamos para a sala de jogos – diz a mais velha.

Seguem, enquanto finalmente, no vilarejo, juntam sete homens, quatro mulheres e duas adolescentes de cabelos alourados.

A sala de jogos é um ambiente semioval, com enormes janelas na parede ovalada e um gigantesco mural na parede retangular. No centro, um tapete rústico confeccionado em lã e linha, níveo. As janelas ocupam quase toda a extensão da parede, entre elas há apenas uma fileira de tijolos. Já o mural vai do piso até quase o teto, e apresenta uma cena de dança, entre outros elementos.

A menor busca quatro dados coloridos enormes feitos em tecido e recheados por espuma de um canto. A maior sorri e bate palmas. A neve pinta no exterior um branco opaco, o vento faz serenata em assobios altos em fá sem dó, e apenas o caçula vê as estátuas no jardim externo.

Olivia ajeita o longo cabelo e pede ajuda para um menino recolocar o pregador. Ao toque, um perfume invade o ambiente, o amarelado entre os dedos hipnotiza, ele chora e vê as mãos, as mãos parecem cobertas de gelo, e vê os dedos capturados ou capturando os fios loiríssimos. Não brinquem assim. Mas

desperta do pesadelo. A menina agradece. Os mais lindos, e perfumados, e sedosos, e compridos cabelos do planeta.

Chegou a hora de jogar.

Lá fora escutam o vento e correntes sendo arrastadas.

Começam o jogo, sem explicação de regras.

•

No inverno anterior, Anderson, o friorento – apelido dado a ele por causa das consequências do cárcere acidental –, ajudava o padre em uma arrumação na única biblioteca do vilarejo, localizada no subsolo da igreja. Distraído e evitando dedicar atenção aos títulos de tantos livros amarelados e proibidos, encaixava vários exemplares, e não ouviu o padre ser chamado no saguão. Alberius, gentil e fervoroso nas leituras de salmos e catalogação de livros e documentos históricos proibidos, também se insere no rol dos esquecidos. Dizem ser vítima de uma doença qualquer que o leva a ter lapsos de memória recente, mantendo sempre o passado remoto ao alcance da fala. O padre subiu as escadas a ver quem o chamava, regressou minutos depois, esqueceu-se do ajudante infantil, trancou a porta de acesso ao subsolo e partiu trancando a igreja.

Anderson derrubou, e um livro – formato de bolso e lombada estreita – caiu aberto no chão, antigo, quiçá centenário, páginas amareladas, a ilustração do palacete na esquerda, um texto iniciado por lindíssima e gótica capitular na direita. Uma frase lida contemplava um aviso qualquer passado de geração em geração. Correu os olhos pela biblioteca, procurando o padre. Não viu ninguém, abaixou-se, trouxe, fechou e pôs o livro no devido lugar.

Deu uma volta chamando pelo padre, em tom de pergunta, segundos depois, angustiado correu até a porta e forçou a fechadura, girou, girou e puxou. Estava trancado. Esmurrou a porta seguidas vezes, gritando ora o nome do clérigo ora por socorro. Ninguém ouviria.

Cansou, e, após uma prece, chorou, e, após rezar, sentiu a temperatura caindo. Voltou aos livros, àquele específico, derrubado-o. Se passaria um tempo ali aprisionado, mataria a curiosidade, leria algo não permitido. Dissera antes o padre:

– Lembre-se, não é permitida a leitura desses livros.

– Eu sei, senhor.

Não era permitido, vingar-se-ia de ter sido esquecido no subsolo da igreja.

Abriu o livro, assustou-se imediatamente com a história do vilarejo em época antiga, leu sobre a família que construiu e habitou o palacete até ser expulsa de lá, os homens exilados, as mulheres queimadas... como bruxas. Ficou horrorizado com a punição dada às crianças.

Escutou um barulho e correu até a porta. Forçou a fechadura, girou, girou e puxou. Seguia trancada. Esmurrou a porta vezes e vezes, gritando ora o nome do clérigo, ora por socorro, ora um xingamento.

Sentia cada vez mais frio, os dedos formigando e raiva. Por que fizeram aquilo com as crianças? Por que raspam a cabeça das crianças e enviaram todas para um reformatório na capital? Retornou ao livro. Correu os olhos, leitura às pressas motivada por enorme curiosidade, porém nenhuma informação satisfatória. Na página 47, após vaga explicação inicial e demoradíssima descrição a respeito das bruxarias praticadas – ele

não acreditava e ainda não acredita em bruxas e demônios —, finalmente o terror lhe atinge. Em pormenores a história das chamas azuladas dançantes subindo aos céus e um clérigo dizendo dos cabelos longos. Decidiram raspar as crianças por esse particular e enviá-las para longe.

Viu uma estranha figura meio humana meio demoníaca na página 57, a descrição de um jogo de dados lhe atraiu um instante. Na página 63, viu a ilustração de várias formas vaporosas com longos cabelos brilhantes dançando — não acreditava e ainda não acredita em fantasmas. Correu mais páginas até a 89, viu a mutilação: removeram as últimas folhas do livro.

O acaso ajuda o destino a aterrorizar crianças. Tantos livros ali, alguns certamente tratam de temas menos pavorosos, no entanto caiu aberto aquele de folhas arrancadas grosseiramente. Atirou o livro longe.

Ergueu o corpo a esfriar do chão, ideia vinda, havia brusca necessidade. Arrastou uma mesa, recordava-se dos jornais largados naquele canto, rasgou e amassou folhas, fazendo bolas e enfiando uma a uma nas mangas e dorso, proteção extra na roupa.

Esfriou muito, ele tremia e ouvia coisas, ruídos, risadas, enlouquecia. Sentiu-se mal, o frio lhe mordida, esqueceu o livro, esqueceu a história das bruxas, as páginas arrancadas, os longos cabelos loiros, o que era sentir calor. Tossia exageradamente, fungava, tanto frio no subsolo.

Abriu jornais fazendo um acumulado, lençóis de papel sobre lençóis de papel, e se cobriu embaixo da mesa. Se tivesse fogo. Esfriou horrores, nem se importava com os rangeres, nem se iludia ou recordava o livro, frio intenso, tudo a doer, até os

ossos reclamavam, frio demais, longa noite a dentro, rezou sem unir as mãos, viraria um picolé.

Apenas no meio da madrugada, quase três horas passadas, o padre foi procurado. A família deu conta do desaparecimento, mas buscou nas casas dos amiguinhos. Apenas no meio da madrugada, enregelado, enrijecido, lacrimejando e sofrendo, um frio descomunal, gélida noite, uma biblioteca sem aquecimento, apenas de madrugada, foi salvo.

Recuperou-se na enfermaria improvisada nos fundos da igreja, bem aquecido, mas nunca voltou a ser o mesmo, o corpo passou a detestar baixas temperaturas como nunca antes, vive resfriado, vive em tremedeiras e tremeliques.

•

– Jogue o dado, menino menorzinho.

Antes de o menor lançar, o barulho de corrente arrastando cresce, um homem alto, magro e branco como cera entra na sala. Os meninos gritam.

– Ah, seus bobos. É apenas Alfredi, nosso guardião, trazendo um lanche – diz a mais velha.

O homem calvo, altíssimo, branco como a neve recém caída, trajando um terno negro, deposita a bandeja em uma mesa lateral, desculpa-se e se retira. Quando anda, dá a impressão de mancar, além disso produz o som de correntes arrastando.

– Antes do lanche seguimos jogando, atire o dado!

O caçula atira, o grande dado quica, rodopia e cai com a face mais aterrorizante para cima.

Lá está ela, a figura demoníaca do livro! Friorento Anderson berra ao recordar, finalmente recordar, uma lufada apaga

todas as chamas acesas no recinto, até o fogo na lareira perde vigor e pouco ilumina.

– Você tirou o vingador! Terá de pagar uma prenda ou perder a alma – diz a caçula, as demais soltam gritinhos de euforia. Apesar da penumbra, as meninas possuem luz própria, brilham translúcidas, os longos cabelos loiros se tornam ainda mais encantadores e atrativos; todavia um livro secular caiu aberto uma noite no chão, e um menino se vingou do esquecimento, e o esquecimento se apaga nesse exato momento.

Tudo vai e volta, memória é gangorra.

– Espera, antes de ele cumprir a prenda, é a vez desse outro – diz a menina apontando para Anderson – jogar o dado.

O friorento pergunta, batendo os dentes de frio e pavor; por um banheiro, no exato instante o guardião ressurgiu feito assombração, do nada, e se oferece a condutor.

– Ah, mas volte logo.

O menino vai, tímido e espavorido, recordando o livro, as maldições, as bruxas queimadas, os longos cabelos, vai, guiado pelo homenzarrão de duvidosa elegância, nada encardido e quase um espectro, e chega, e pede licença, e entra no toilette, e tranca a porta, e chora. Sente frio, muito e muito frio.

No banheiro, ainda absurdamente aflito, escuta as correntes se afastando, gritos e mais gritos vindos da sala, vozerio, gargalhadas, urros, um concerto, um festim. Escuta as meninas gritando – Jogue o dado! Jogue de novo! –, um abafado pedindo de socorro masculino, voz mudando, engrossando, mais risadas, mais pedidos – Você consegue jogar de novo, vai, vai –, correntes sendo arrastadas e os próprios joelhos em choque, noc, noc, noc.

– Cadê o outro? Vá buscá-lo, Alfredi.

Ele ouviu. Deve haver como sair dali... a janela! É alta, com muito esforço arrasta uma mesinha após derrubar itens de higiene. Arrasta ouvindo as correntes, encosta na parede bem abaixo da janela, as correntes pausam seus ruídos, uma chave é enfiada na fechadura, o menino corre, a porta se abre produzindo um horrendo e agudo som de arrasto e um homem altíssimo invade a privacidade... "Onde está o menino?", pergunta-se sem proferir a questão, vê a mesinha onde depositam itens de higiene posta embaixo da janela e pressupõe a fuga.

Segundos depois, dá a notícia às meninas.

– Vamos atrás dele?! – gritam as três em uníssono.

De repente, o barulhinho de corrente arrastando vira o melhor amigo do friorento, por uns tempos, a neve lá fora servirá de abafador, enquanto a peculiar acústica da sala expande o som. As correntes acompanham ao exterior uns ensandecidos gritinhos femininos.

Anderson, finalmente plena de coragem nenhuma, deixa o esconderijo, sai de trás da porta e corre em direção à sala. Vem o desespero passageiro, rápido em vendaval. Lá fora a nevasca prossegue. Vem o desespero, cai de joelhos e chora ao ver seus amigos. Chora copiosamente, porém se recompõe em um estalo. Apurando a audição, repara na direção tomada pelas cruéis meninas, corre em sentido contrário ao deixar o palacete, em direção à floresta, no meio da nevasca, neve servindo de chicote. A floresta se abre, é calvário, é salvação. As meninas contornam o palacete e descem a estrada até um trecho, uma delas sugere retornarem, a partir de um pressentimento. O friorento corre, tropeça, sacode a neve e volta a correr, alcançando

as primeiras árvores. Faz um frio lancinante, a neve chega a cortar a pele feito papel, cortes, cortes e os pés começam a formigar. Cai, ergue o corpo a esfriar no chão, brusca necessidade. Horrores, nem se importa com os rangeres, nem se ilude ou recorda os amigos, frio intenso, tudo a doer, até os ossos reclamam, frio demais, longa noite a dentro, reza sem unir as mãos, reza tentando correr, e não virar um picolé nem estátua de gelo... Não! Ainda não se rende. Tenta acelerar os passos. Em situações de frio extremo, os capilares chegam a congelar – microcristais de gelo formam-se em seu interior... Agora e novamente, calafrios, euforia, ri sozinho, ri enlouquecendo, confusão mental, um comportamento semelhante a uma intoxicação. A temperatura corporal continua a cair, enquanto ele engatinha mergulhado na nevasca, perdido na floresta, letargia, astenia muscular, desorientação, perde-se, depressão... Mas vem em si, de repente, um comportamento combativo, ergue-se, tem coração, tem coragem, sussurros... Vai, progressivamente mais delirante, descoordenado e quase cedendo.

A equipe de resgate chega à vizinhança do palacete. Apenas as adolescentes loiras de cabelos curtos atravessam a porta deixada aberta e saem segundos depois. Uma delas levanta a mão e mostra – o dedo indicador e o médio levantados e separados, os outros dobrados –, o sinal de paz.

Sucumbe e se entrega de alma e espírito ao congelamento. Sem um resquício de possibilidade, mergulha na almofada branca cobrindo as raízes. Entrega-se. A saída da floresta fica a quilômetros dali. A temperatura corporal segue a cair, sozinho, ri enlouquecendo, confusão mental, um comportamento semelhante a uma derrota implacável.

Ainda caído, escuta risadas e frases soltas.

Os ossos reclamam, as orelhas, idem, todo o corpo. Ergue o rosto.

– Que pena, você não devia ter fugido pela floresta do inverno eterno.

O friorento conhece o apelido dado à floresta porque leu no fatídico livro. Reúne forças e quase sem voz despeja a última pergunta.

– Por... que vocês... usam o... cabelo tão comprido?

As três meninas brilham em branco e parecem flutuar em graça e leveza. A caçula responde: – Ora, é de conhecimento geral que cabelos nunca param de crescer.

Elas riem e cantam uma melódica e fúnebre canção lotada de latinidade.

Horas depois, um caçador encontra uma pequena estátua de gelo no meio da floresta e, logo em seguida, enfeitiçado e substancialmente perplexo, admira a exuberante beleza de uma inesperada presença surgida do nada, enquanto ouve em sussurro a menina mais velha perguntar se não sente frio ali.

*Este conto foi publicado na antologia:
Sangue abaixo de zero.*

*



SERVO

Rodrigo Ortiz Vinholo

Karl tinha uma aparência terrível, mas isso em nada refletia o que se passava em seu interior, nem os olhos fundos, nem as costas encurvadas, nem os dedos tortos, as pernas mancadas, a pele cheia de marcas e a boca deformada. Vivia à beira da vila, um pária, à mercê dos perigos das montanhas e da floresta, e ao ódio e horror de seus compatriotas. Sinceramente, não sabia dizer o que era pior, pois o ódio que lhe reservavam mais de uma vez havia lhe colocado em mais risco de morte do que em qualquer um dos encontros que tivera com animais selvagens.

Era fato que havia nascido da vila, de pais que não eram seres deformados como ele. Seu nascimento foi considerado mau augúrio: tratavam-no como filho do demônio, uma encarnação do próprio Chernobog, criado apenas para trazer o mal a todos. Mesmo seus pais, que o amavam com um esforço quase febril, pareceram ter seus momentos de dúvida. Conforme cresceu e os dois acabaram morrendo – o pai por um acidente quando cortava uma árvore, e a mãe de doença, pouco depois –, acabou perdendo o pouco que tinha de proteção, e só não foi expulso da vila por intervenção do padre da igreja local, a única pessoa que o tratava com igualdade e que insistia em sua humanidade.

De fato, o padre não estava errado. Por baixo de todas as deformações de Karl, havia um coração bom e uma personalidade leal, verdadeira e honesta. O homem deformado e solitário tinha amor por todas as coisas e por todas as pessoas, e uma religiosidade tão sincera que nunca havia visto nem mesmo em sacerdotes.

Karl não odiava aqueles que o odiavam, mesmo que os temesse, mesmo prejudicado direta ou indiretamente por eles, perdoava cada um de seus atos e compreendia seus motivos. Sabia que do medo se originavam a raiva, o ódio e tudo que deles derivava. E assim, seguia a sua vida, evitando ao máximo o convívio com os moradores, cultivando a própria comida e só recorrendo à vila em caso de muita necessidade. Mesmo os contatos com o cobrador de impostos, com comerciantes e com outras figuras da vida pública geralmente eram feitos com cuidado, geralmente por intermédio de uma porta, para evitar que os outros se incomodassem com sua aparência terrível.

Suas dores crônicas dificultavam o trabalho e a locomoção, de modo que nunca cogitou sair de lá. Sabia que não duraria muito tempo na estrada, e nem tinha dinheiro para que alguém lhe transportasse para longe. Para falar a verdade, duvidava – sem guardar rancor algum – que alguém realizaria o serviço, mesmo se tivesse como pagar.

A única pessoa da vila que o homem encontrava semanalmente era o padre, seu único amigo e confidente. Aos domingos, após a missa e a saída dos fiéis, chegava pela escuridão, o corpo coberto por uma capa com capuz, para uma cerimônia particular, rápida, privativa e, depois de algum tempo de conversa em que os dois, o padre e ele filosofavam sobre a vida e,

se Karl sentisse que tinha algo a dizer, realizava o sacramento da confissão.

Para o padre, era quase cômico receber a confissão de um homem de coração tão puro, porque suas culpas eram quase sempre relacionadas a alguma preguiça no trabalho ou dificuldade pontual em perdoar, coisas que já eram, nas circunstâncias de sua existência, quase que automaticamente perdoáveis. A preguiça que dizia ter, geralmente por culpa de sua dificuldade de locomoção, era infinitamente mais responsável do que a de qualquer morador local, e sua dificuldade de perdão, apenas de situações que até mesmo santos sofreriam para perdoar.

Os moradores não gostavam da amizade do padre com Karl, mas dado tempo o suficiente, compreenderam que, como um homem santo, fazia sentido. Mesmo os que acreditavam que as deformações indicavam alguma influência demoníaca viam, na proximidade do padre, alguma chance de o bem triunfar contra o mal, através dessa relação. É claro que, para eles, qualquer ato positivo de Karl não tinha valor algum – entendiam que o verdadeiro santo da relação era o próprio sacerdote.

Por muitos anos essa vida seguiu: Karl vivia isolado, o hábito de ser execrado se reforçava em todos os moradores da vila, e o padre mantinha seu papel “purificador”, como era de se esperar.

Durante esse tempo, ouviam-se histórias de bruxas, demônios e de tantos outros seres e ocorrências terríveis na noite e fora da vila, mas nada realmente os afetava, então tais ideias seguiam como boatos, superstições e folclore: o tipo de coisa que se falava ao redor da fogueira, ou para passar o tempo em dias chuvosos com a família.

Todos viviam tão atentos em procurar sinais de Karl ser um mensageiro do demônio e das bruxas que não notaram quando os sinais de algo sinistro começaram a surgir. Não viram estranhas luzes na floresta e nos montes, durante a noite, nem ouviram vozes e sons misteriosos, nem perceberam o leite azedando sem motivo ou os animais agitados. Ele, em sua solidão, foi ironicamente o primeiro e único a notar que havia algo de estranho acontecendo, mas também apenas em seus sonhos.

Todas as noites acordava com o vozerio que passava do lado externo de sua casa. Risos, gritos, canções sendo ensaiadas por vozes desafinadas e instrumentos distorcidos. Se olhasse pelas janelas e prestasse atenção, podia ver as criaturas das trevas, que pareciam se preparar para um grande festim, cujo objetivo não lhe era totalmente claro. Nessas noites, ele se escondia em sua cama e rezava, procurando no divino alguma proteção ou alívio, que só pareciam vir quando caía no sono, exausto.

No dia seguinte, não havia sinal da movimentação, mas lá estava, adicionado à sua aparência, um incomum desgaste físico, tornando-o ainda mais lento e triste que o habitual. Os poucos que o viam imaginavam ser um sinal de deterioração mental ou moral contínua, mesmo não fazendo nada para justificar tal ideia. É claro que o homem não ousava falar sobre o que ouvia para ninguém. Sabia bem que o resultado seria sofrimento e nada além.

Hesitava até mesmo em falar sobre isso com o padre, temendo que o confidente abandonasse a amizade cultivada até então, passando a aceitar, como os outros membros da comunidade, que ele era realmente um ser maldito. Nos momentos de maior sinceridade e desespero, em toda sua religiosidade e

moralidade fervorosa, o homem solitário temia que estivessem todos certos, e só ele e o padre não tivessem visto a verdade, e que fosse mesmo uma criatura infernal.

Noite após noite, as vozes e os movimentos tenebrosos apenas aumentavam. As bruxas estavam cada vez mais perto, e o homem ouvia com pânico crescente seus planos de festas, com feitiços e invocações que culminariam com Chernobog vindo à Terra para arrasar a região e dominar todos os que ali existiam, viventes ou não. Dia após dia, o homem temia a noite que havia de vir e que seria incapaz de impedir.

O pior momento foi quando a festa deixou de ser do lado de fora. Quando a porta de sua casa abriu-se com uma explosão no meio da noite, pensou que fosse morrer. Em instantes sua casa encheu-se de figuras grotescas que riam, cantavam e reviravam os cômodos.

– Onde estão os sacrifícios?! Apareçam! – gritavam bruxas e demônios, procurando de cômodo em cômodo.

Quando chegaram ao quarto de Karl, imediatamente ele sabia que seria o fim de sua vida, que viraria oferenda ao demônio e perderia sua alma. Com isso, foi incapaz de se mover, e sabia que pararia até mesmo de respirar, se pudesse. Temeu que lhe torturassem às gargalhadas e que, ao fim da noite, estaria em um espeto por cima do fogo. Mas as criaturas pareceram se zangar à sua visão, perdendo o humor sádico com que exploravam a casa até então.

– Servo! – urrou uma bruxa. – Que fazes na cama?

Karl piscou devagar e olhou ao seu redor, confirmando que a bruxa falava com ele. Estava sendo confundido com um servo demoníaco.

– Ande! Vá transportar os caldeirões! Mexa-se antes que usemos você no lugar de um dos sacrifícios!

Mesmo com sua dificuldade de movimento, mesmo em trajes menores, saltou como pôde da cama e, sem olhar para trás, cruzou pelo grupo até o lado de fora, deixando-os a explorar sua casa vazia, em busca de um sacrifício, que não encontrariam. Mal terminou de agradecer a Deus por estar vivo quando outro grupo de bruxas o abordou:

– Servo! – gritou outra das presenças horrendas. – Mexa-se! Leve aquele caldeirão para o festim!

Karl compreendeu, devido à sua aparência, os monstros consideravam que se parecia com um servo deles. Antes que pudesse pensar, já corria com a cabeça baixa, em direção a um caldeirão escuro cheio de um líquido viscoso de cheiro acre. Talvez por algum feitiço das bruxas, talvez pelo medo, sentiu seus braços e pernas se moverem por conta própria, parecendo alijados da realidade.

Envolveu o metal frio e, erguendo o recipiente desajeitadamente, começou a caminhar morro acima, evitando os grupos de criaturas desconhecidas que se reuniam para rir, festejar ou planejar os eventos das noites que se seguiriam. Ninguém parecia lhe dar qualquer atenção, o que realmente indicava que estava camuflado. Assim, apesar da tensão, logo começou a planejar sua fuga.

Infelizmente, isso não durou muito tempo. Depois de alguns minutos, começou a sentir o metal do caldeirão esquentar. De um leve incômodo para uma queimação foram instantes, e quando começou a lutar para colocá-lo no chão, o metal já derretia sua pele, e o líquido viscoso do interior borbulhava e

espirrava em seu rosto. Não havia fogo algum que justificasse o aquecimento. Era magia negra aquecendo a fórmula e torturando o carregador.

A agonia instantânea encheu-o de desespero, medo e dor. Tocou o recipiente no solo e se esforçou para soltar sua carne, e seus gritos e choro ecoaram pelo monte. Conforme se descolava, podia ver as criaturas que passavam rindo e apontando em sua direção, desinteressadas em ajudar e se divertindo muito com seu sofrimento.

Quando finalmente pensou que estaria livre, um último impulso virou o caldeirão inteiro. A última coisa que viu foi a mistura se aproximando de seus olhos, e depois estava de volta em sua cama.

O sol nascia pela janela quando o homem despertou, desesperado, procurando feridas nos seus braços, no peito e no rosto. Nenhuma estava ali, provando que sonhara os suplícios no monte, ainda que sentisse a dor vivamente. Por muitos minutos colocou-se imóvel e em silêncio, refletindo sobre a experiência sem chegar a alívio algum. Como poderia? Até onde sabia, ou estava louco, ou sendo aliciado por criaturas demoníacas. Pior, em nenhum dos casos poderia contar com a ajuda de ninguém, pois falar a verdade certamente lhe traria ainda mais problemas do que os que já tinha.

A luz do dia não ajudou a amenizar o mal-estar, o trabalho ou a perspectiva de descanso posterior. Mesmo quando decidiu visitar seu único amigo, o padre, Karl não tinha felicidade, pois não tinha perspectiva de sentir-se à vontade para contar nem mesmo a ele sobre os sonhos perturbadores daquela noite, como não contara dos outros. Foi só por incentivo do religioso

– o qual recepcionou um amigo claramente perturbado por algo que não lhe estava completamente claro – que acabou por falar.

– Padre, eu pequei.

O sacerdote estava acostumado com certo exagero do companheiro de conversas, então teve que segurar o sorriso ao ouvir tais palavras.

– Ora, veja, não estamos no confessional. Fale para mim não como um representante de Deus, mas como seu amigo. O que você fez que lhe aflige de tal maneira?

Foi só começar a se lembrar da noite para começar a tremer, mas, a essa altura, isso não o impediu de despejar as palavras para fora de sua boca descontroladamente:

– Eu tive sonhos terríveis, terríveis! Sonhos em que demônios e bruxas me recrutavam, pois acreditavam que eu era um deles! E me censuravam, e me colocavam para trabalhar, até minha pele se derreter em um de seus caldeirões! Decerto há algo de errado comigo, pois servo nenhum de Deus poderia ser amaldiçoado com essas visões, com essas visitas!

Vendo que o caso era sério, nem que fosse apenas no âmbito emocional, o padre se compadeceu e, com uma mão no ombro, tentou aconselhá-lo.

– Filho, realmente és alinhado com o Altíssimo. Eu conheço sua conduta e seu temperamento, e sei que nada faria para atrair ou se envolver com criaturas do submundo. Sabemos que o sobrenatural por vezes nos fala em sonhos, mas um sonho também pode ser apenas um sonho! Especialmente com nossos nem sempre compreensivos vizinhos, é de se esperar que você tenha esse tipo de visão noturna.

Mas ele não parecia convencido, então o sacerdote seguiu com seus conselhos.

– Caso tenha certeza de que eram realmente criaturas das trevas, a confusão de sua identidade demonstra apenas que esses são tão mundanos quanto qualquer ser humano. E quero que saiba que isso pode ser sua vantagem: tens o corpo, a mente e o espírito puros, e mesmo que tentem feri-lo, no fim das contas o que é deles não poderá destruí-lo. Pelo contrário, é mais provável que você os purifique!

– Tem certeza? Tenho tantas dúvidas!

– Justamente: diferentemente dos outros fiéis, você duvida da própria inocência e virtude, e não da própria culpa e impureza. Isso te torna ainda mais puro. Volte, durma e, se voltarem a perturbá-los, enfrente o que vier com esse conhecimento em mente.

Com isso, a conversa não se estendeu, e mesmo que não estivesse convencido, Karl agradeceu e retornou a sua casa, antes que a sua presença atrapalhasse mais a agenda de seu amigo e que os moradores da vila encontrassem um novo pretexto para odiá-lo.

Durante o trajeto, por ser noite, toda sombra lembrava uma criatura trevosa, e cada som do vento, alguma risada ou instrumento do festim. Mas nada estava acontecendo fora de seu medo, e logo chegou em sua casa, fez seu jantar, comeu e se preparou para uma noite de sono com a falsa esperança de sonhos tranquilos tentando esconder o temor de novos encontros noturnos.

Dentro de suas piores expectativas, bastou que caísse no sono para ser acordado outra vez aos gritos e ver a própria casa

novamente tomada pelas bruxas. Gritou, mas os gritos, as risadas, as ordens e a música infernal que já predominavam no ambiente cobriram sua voz, e, antes que pudesse fugir, viu-se carregado por cima de uma multidão e atirado por uma janela aberta. Logo estava em frente a um ser que talvez um dia tivesse sido humano. Seu rosto era como um crânio, mas seu corpo, vestido dos pés à cabeça por uma capa, parecida grande e musculoso. A presença opressiva nada disse, porém, focando suas órbitas vazias no pobre homem, apontou uma mão enluvada a uma criatura que carregava longas barras de ferro. Mais de perto, as varas se mostraram similares a lanças, todas com um cabo e uma ponta afiada. O ser que tentava transportá-las se parecia, infelizmente, com Karl. Ele se viu refletido naquele que talvez fosse um demônio, homúnculo ou qualquer outra criatura, entendeu porque era confundido e, ao mesmo tempo, apiedou-se do ser sem força suficiente para levar as armas montanha acima.

Aproximando-se, fez um rápido aceno para seu quase equivalente e, pegando a ponta oposta do grupo de pesadas lanças, passou a ajudá-lo a subir a encosta, com a sombra de rosto esquelético deslizando em seu encaixe, como se supervisionasse a dupla. Nada era dito, e o homem chegou à conclusão de que o silêncio provavelmente preservaria sua saúde, portanto não fez nenhuma pergunta, e tentou evitar gritar a cada susto com os seres que passavam próximo, com grande balbúrdia.

Depois do que pareceu ser um longo tempo, com o corpo exausto e dolorido, se encontrou em frente a um grande forno, que havia sido transportado e armado em um canto da encosta. Em frente a ele estava um ser inchado, a pele rosada prestes a

explodir em cantos pustulentos. Ele suava descontroladamente enquanto cuidava do fogo, um dos responsáveis pelo preparo dos alimentos do festim.

Nesse instante, tudo ficou claro: não eram lanças que carregavam, mas espetos. Com um movimento preguiçoso e uma expressão enfadada, o cozinheiro puxou um deles facilmente, erguendo-o e inspecionando. Em seguida, com a mesma displicência, atravessou o corpo do serviçal monstruoso e enfiou-o, transpassado, dentro do fogo.

Karl pensou em correr, gritar ou chorar, mas seu corpo não obedeceu. O cozinheiro agarrou outro espeto e repetiu o processo, só que desta vez com ele, fincando-o em seu peito até atravessar suas costas. Quando a dor parecia insuportável, viu que era transportado para o fogo e fechou os olhos só no último instante.

Como na outra noite, Karl ainda sentia a dor quando despertou. Tinha certeza que havia morrido naquele sonho, tanto pela ferida do espeto quando pelas chamas que o queimariam vivo. Sabia, ainda, que, mesmo que tivesse sobrevivido, provavelmente viraria alimento para os monstros, pois aparentemente, mesmo considerando-o um dos seus, não hesitariam em cozinhá-lo.

Aquele sonho o perseguiu durante o dia seguinte, mas junto dele havia também uma percepção muito específica: o festim das bruxas e dos demônios estava mais avançado do que na outra vez. Havia mais criaturas, mais movimento, e talvez alguma continuidade. Por mais que estivesse intacto e que as florestas e montes próximos continuassem sem qualquer presença maligna óbvia, sentia que, em algum lugar distante mas

irremediavelmente próximo, eles estavam evoluindo nos preparos do maldito festim.

Karl temia que, se o sonho tinha algum tanto de sequência, talvez isso significasse que havia alguma realidade. No entanto, não sabia se isso podia representar uma continuidade de degeneração de sua mente, de seu espírito ou, literalmente, aquilo que se apresentava. Talvez realmente acessasse uma outra realidade cujas conseqüências poderiam não afetar seu corpo, mas que indubitavelmente culminariam na invocação demoníaca que sugeriam, e talvez aí sua realidade fosse alterada. Talvez, só talvez, não fosse nada.

Mas é claro que era alguma coisa.

Descobriu isso bem antes de chegar à vila, naquele fim de tarde, procurando seu melhor e único amigo. Apesar do horário, os moradores estavam agitados, e vários permaneciam fora de suas casas, reunindo-se em pequenos grupos, conversando em voz baixa. Algo claramente havia acontecido, e o número maior de aglomerações em torno de uma das casas da vila apontava para um epicentro.

Um dos moradores da vila, caminhando com um olhar preocupado, avistou Karl na penumbra encarando a aglomeração e gritou seu nome. Havia violência em sua voz, a sugestão de uma acusação, e o pobre homem de costas tortas, depois de uma vida em que entendia muito bem como era fácil ser odiado sem qualquer razão, virou-se e correu sem dar tempo para que lhe cobrassem qualquer explicação. Sabia que o acusariam. Que talvez o culpassem de seja lá o que tivesse acontecido, simplesmente por ser quem era, e porque estavam acostumados a acusá-lo. Isso não o impediu: esgueirou-se pela

escuridão, evitando a movimentação anormal de seus vizinhos, e fez seu caminho até a igreja.

A porta da frente estava aberta, como sempre, e, considerando as circunstâncias anormais da vila, não se surpreendeu com o fato de que o padre também não estivesse ali. Procurou-o pelo ambiente sagrado, mas chegou à conclusão de que estava só, ou ainda, só ele e o Divino. Então colocou-se em oração para ver se sua mente e seus sentimentos se acalmavam.

Quando se cansou de rezar, insistiu um pouco mais, e quando se cansou de se cansar, foi olhar pela janela. As aglomerações pareciam menores, mas ainda razoavelmente agitadas. Aparentemente a casa que chamava a atenção continuava cercada de grupos, com pessoas entrando e saindo pontualmente. Em algum momento, a porta se abriu e reconheceu, mesmo à luz das lanternas e à distância, o traje característico do padre. Ele trocou algumas palavras com os outros, acenou e começou a caminhar em direção à igreja, parecendo cabisbaixo e cansado.

Karl ficou em dúvida se deveria partir ou ficar e, se ficasse, como deveria se posicionar para amenizar o susto ao amigo. Acabou por ficar em pé no meio do corredor, encarando a porta com a expressão mais amigável que conseguia fazer. Isso, claro, não amenizou o susto do pobre sacerdote que, exausto, só notou sua presença quando já estava dentro da igreja.

Após pedidos de desculpa e cumprimentos, os dois se sentaram para conversar, e o padre explicou o caso que vinha agitando a todos: um dos moradores – um sapateiro, um homem comum e tão religioso quanto qualquer outro da vila – vinha apresentando sintomas misteriosos desde a noite anterior.

– Ele tinha uma dor intensa no peito, e seu corpo amanheceu coberto do que pareciam ser queimaduras – explicou. – Sua esposa, que dormia ao seu lado na cama, é testemunha de que nada de diferente aconteceu, e realmente não há qualquer marca no ambiente que justifique tal coisa. Médicos e curandeiros não sabem o que fazer com ele, e todos os moradores acabaram por concluir que há algo sobrenatural em curso, até mesmo demoníaco.

– Por isso te chamaram?

– Também por isso.

Naquele ponto, o homem apenas gemia e ardia de febre, e sabiam que sua morte era certa.

O padre havia passado o dia ao lado dele, mas nada pôde fazer além de lhe dar a extrema unção e ouvir os poucos pecados que o pobre coitado conseguiu explicar em meio aos delírios febris. Naquele momento, todos esperavam a morte que certamente viria, ao mesmo tempo que temiam e tentavam se preparar para o caso de a força demoníaca tornar a atacar um inocente.

Karl ouviu o relato com uma angústia crescente, que não conseguiu esconder.

Quando o padre terminou, viu-se obrigado a relatar a ele o sonho que havia tido e a hipótese a seu respeito, com base em outras quase tão estranhas quanto ela:

– E se o monstro que havia sido transpassado e jogado no fogo fosse uma representação, ou uma encarnação alternativa do sapateiro? E se, nos meus sonhos, eu realmente estiver visitando uma realidade alternativa, e todos da vila forem, de um modo ou de outro, escravos daqueles seres das trevas?

O padre ouviu em silêncio e pareceu considerar seriamente a hipótese. Depois, sorriu benevolmente, e Karl pôde ver em seus olhos que ele não o levava totalmente a sério.

– Nesse caso, meu bom amigo – disse ele –, eu fico muito feliz que o espeto não lhe causou nenhum mal. Talvez realmente sejas o mais puro de todos nós.

Não havia muito para onde ir daquele ponto, como na noite anterior. O padre estava exausto, e podia ser que ainda voltassem a chamá-lo. Karl, enquanto isso, corria perigo se ficasse por ali em meio a ânimos tão agitados. Apertaram as mãos, desejaram sorte e bênçãos um ao outro, e cada um seguiu a caminho da própria cama.

Quando Karl finalmente se deitou, sabia que sonharia, mas o medo cedera o lugar a uma apreensão bem específica, pois apesar de reconhecer alguma realidade naqueles fatos, suspeitava que havia alguma verdade acidental na fala do padre. Talvez fosse mesmo mais puro ou coisa parecida. O seu corpo mutilado, no sonho, parecia não ser afetado na vida real, e talvez o sapateiro fosse mesmo aquele servo visto no pesadelo. O risco para todos os moradores era imenso.

Talvez fosse o único que pudesse ajudar.

E assim foi. Acordou no sonho em sua casa revirada pelas bruxas, e nem aguardou que o expulsassem, saindo pela janela na primeira oportunidade. A figura forte, com o rosto de crânio, deslizou em sua direção e apontou em direção ao monte. Ambos seguiram, até encontrar o estranho cozinheiro.

A cozinha externa havia evoluído para uma conjunção de panelas, fornos, fogueiras, espetos e uma grande mesa de trabalho. Todo o ambiente era tomado de seres de todas as formas

possíveis trabalhando, indo e vindo levando comida. A maior parte era deformado e subjugado como o servo que havia visto na noite anterior.

O que imediatamente chamou a atenção de Karl, porém, foi uma pilha de metal descartado: um caldeirão e um espeto. O primeiro tinha em toda uma lateral a forma de braços, mãos, um corpo e um rosto afundando seu metal, como se algo o tivesse derretido. O segundo tinha toda sua extensão também deformada a ponto de quase estar se rompendo.

Nesse ponto, ficou claro a Karl o que deveria fazer.

O homem com expressão de caveira e o cozinheiro gritavam ordens, mas sem lhes dar ouvido, agarrou um balde de água e uma faca de cozinha e, fazendo um corte no próprio braço, tingiu a água de vermelho. Antes que pudessem reagir, misturou os dois elementos e lançou o conteúdo do balde no cozinheiro que, urrando, tentou se proteger conforme sua pele e seus músculos começavam a derreter ao toque da mistura. A figura cadavérica avançou em direção a Karl, porém, com a mão ensanguentada em seu peito, rapidamente o derrubou. Conforme a figura se retorcia de dor, Karl ainda garantiu que não se movesse mais, desenhando uma cruz na testa inimiga com o sangue, que seguia queimando e borbulhando conforme destruída.

Por toda a noite, Karl combateu demônios. Seu sangue era arma e, conforme se via enlouquecendo em um furor de batalha, cortava nacos de seus braços, até dedos, misturando-os em sopas e em água para derreter demônios. Alguns servos por vezes tentavam pará-lo e acabavam também sofrendo. Era o preço a se pagar.

Ainda havia muito o que fazer quando o sol começou a nascer no sonho e, abrindo os olhos, descobriu que o sol nascia no mundo desperto. Pela primeira vez nos últimos dias, Karl estava feliz. Seu corpo estava cansado, claro, mas completamente intacto. Tinha certeza de que havia feito a diferença, de algum modo. Talvez tivesse salvado vidas. Seu otimismo era tanto que, depois de muito tempo sem arriscar, seguiu para a vila, ainda de manhã. Para seu horror, porém, a situação era pior do que antes.

Por toda a vila havia pessoas deformadas horrivelmente. A maioria parecia queimada como o sapateiro, e algumas tinham membros terrivelmente necrosados, de um dia para o outro. Karl não compreendia o que estava acontecendo. Mesmo que tivesse atingido alguns dos servos, não eram tantos que justificassem aqueles horrores que assolavam a população da vila.

Foi só quando viu o padre que compreendeu: a equivalência não era apenas dos servos, mas de todas as criaturas... Seu amigo se aproximava, tentando desesperadamente entender o que acontecia, trazendo no peito, coberto precariamente por curativos, uma ferida enorme e, em sua testa, uma marca profunda de queimadura... na forma de uma cruz.

*Este conto foi publicado na antologia:
Aquele noite no Monte Calvo.*



Kley



Eis

um pouco sobre os autores da
Sociedade Tres(3)loucados

A. T. Sergio é pernambucano, escritor de terror, suspense e policial. Autor Hardcover e membro da ABERST, participou de mais de 30 antologias, além de publicar o infanto-juvenil *Eles* e uma coletânea de contos *As 13: histórias diversas*.

[instagram/alextavergio]

Flavio P. Oliveira nasceu em Nilópolis/RJ. Graduado em Engenharia Civil, é editor, preparador, escritor, capista, diagramador, ilustrador, artista plástico, aficionado por rock progressivo, um entusiasta do movimento de código livre e fundador da *Delirium editora*.

[instagram/flavio_ed_delirium]

Rodrigo Ortiz Vinholo mora em São Paulo, é publicitário, jornalista, professor, escritor e pessoa estranha. Autor de várias obras, também coleciona mais de uma centena participações em antologias de diversas editoras.

[instagram/rodrigoortiz]